



ALMANAQUE ILUSTRADO DE
PALMEIRANTE
DAQUI ACOLÁ



conexão
comunidade

ALMANAQUE ILUSTRADO DE
PALMEIRANTE
DAQUI ACOLÁ



conexão
comunidade



Neste Almanaque você vai encontrar lendas, poemas, dicas e depoimentos de pessoas importantes na história passada, presente e futura da cidade de Palmeirante - TO. As imagens e parte dos textos que você verá por aqui foram produzidas pelos alunos das escolas municipais Margarida Oliveira de Souza, Barnabé Pereira do Nascimento e Firmino Coelho de Araújo, a partir de atividades realizadas durante a oficina de livro artesanal do Eixo Mobilização do Projeto Conexão Comunidade, durante as últimas semanas de novembro de 2017.

SUMÁRIO



SOBRE PALMEIRANTE	6
LENDAS	9
DICA DE AGRICULTURA	16
FESTEJOS	20
BRINCADEIRAS	24
DOIS DEDOS DE PROSA COM SR. RAIMUNDO PINDAÍBA E PROFESSORA LUZIA	34
TESTEMUNHO	42
SEU ANTÔNIO E O COMEÇO DE TUDO	45
POESIA VISUAL	50
HINO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE PALMEIRANTE	54

No estado do Tocantins
Muitas coisas encontrei
Minha escola é uma delas
Que jamais esquecerei

Texto original: **Elizângela Sousa**

*- Aluna do sétimo ano da Escola
Barnabé Pereira do Nascimento*



ESCOLA

A gente desenha
Trabalha
Mas com muito amor.
Com tudo isso
Aprende.

*Texto original: **Domar Alves** - Aluno do
sétimo ano da Escola Barnabé Pereira do
Nascimento*





Palmeirante tem esse nome por causa das palmeiras do Rio Tocantins, que margeia toda a cidade. É conhecida assim desde o mês de dezembro de 1992. Mas antes de o povo começar a botar reparo nas palmeiras, antes de os turistas chegarem todo mês de julho para a temporada de praia, a atenção era todinha do Bichão do Olho Grande.

Alguns o chamam de Boiuna e dizem que era uma serpente habitante das águas do Tocantins; outros dizem ser um grande peixe. Os pescadores contavam apenas se tratar de um bicho estranho, noturno, que botava só a cabeça para fora da água e de longe se via o olho. Mais parecia uma tocha. Fato é que o bicho ficou tão famoso que foi o primeiro a dar nome ao lugar. Era a “Terra do Olho Grande”.

Antes ainda, foi terra de diamantes, distrito de Diamantina, lá pelas bandas do povoado São Pedro. Nos últimos anos do século 18, uma comunidade de mineradores sobrevivia das pedras preciosas tiradas de uma mina na beira do Rio Pau Seco. Mas isso já faz muito tempo.

As famílias que continuaram vivendo na região se mantinham com o que a terra produzia e com a pesca. Nessa época, o Rio Tocantins virou um ponto de apoio para diversas embarcações que passavam por aqui. E desde os tempos do Sr. João Aires Gabriel, um dos fundadores do município, foi aparecendo mais gente. Apareceu o Sr. Antônio Luis Alencar, que levantou a primeira escola e a capela de São José. Surgiu fazenda, plantação e várias comunidades no entorno. Surgiu a Cicilândia, as vilas Pau Seco e Paciência, os assentamentos da Rolinha, Alegria, as comunidades do Recreio, Gariroba e quantas mais!

Por aqui, hoje em dia, tem até trilho de trem que leva os grãos de soja e milho produzidos nas fazendas para o mar aberto, por onde eles seguem para o outro lado do globo. Tem quatro escolas do município e uma do estado, tem ônibus que leva para a universidade em outra cidade, tem as hortas que produzem para a região, tem mercado, sorveteria, Correios, posto de saúde. Tem a cavalgada

e a tropeada que reúnem todo esse povo em suas montarias e acabam sempre em muito forró e festa. Tem os festejos das igrejas de cada comunidade e tem várias igrejas diferentes também.

Durante muito tempo, as coisas só chegavam e partiam pelo rio. De certa maneira, para a gente daqui, elas ainda começam e acabam no rio, com os banhos de domingo, as travessias de barco na segunda pela manhã, a energia que vem da represa e alumia tudo à noite até a hora de dormir.



Eu gosto muito de banhar
banho em todo lugar,
menos na água, que num dá,
porque não quero me machucar.
Eu só banho no Rio Cunhã
porque é bom pra banhar, lá.
Eu amo banhar
porque fedido não dá pra ficar.

*Texto original: **Osiel Alves** - Aluno do
sétimo ano da Escola Barnabé Pereira
do Nascimento*



Passei no Rio Tocantins
por cima de um barbante
arriscando minha vida
por causa de um estudante

*Texto original: **Nanda Oneide Silva**
- Aluna do sétimo ano da Escola
Barnabé Pereira do Nascimento*



LENDAS



Todo lugar nesse mundo habitado pelo bicho gente tem uma dimensão mais concreta, própria das coisas mesmo que se tocam, do chão que se pisa, dos momentos presentes, do cotidiano e suas limitações. E tem uma outra que é a dimensão do misterioso; do que se dá testemunho fiel de ter ocorrido, mas só se viu as histórias; do tempo não do vivido – antes, do tempo do contado; dimensão essa em que as limitações do lugar são superadas pelo poder de criar, e de contar. Há até quem chame de fantasia.

Não se trata do que é mais verdadeiro, ou do que é mais criação, porque tudo nesse mundo tem certa medida de cada coisa. O que importa é o quanto da gente e o quanto do lugar cada conto traz. E na Terra do Olho Grande, em cada canto, gentes de todas as idades têm lendas para contar.

O QUE ACONTECEU NO REMANSO DA VACA



Do outro lado do Rio Tocantins encontra-se um remanso, que o povo conhece como Remanso da Vaca. O nome não foi dado de graça. Aqui se leem os testemunhos de três moradores da cidade sobre o sucedido que batizou o remanso.

I

No remanso existe um córrego chamado Aldeia. Dizem que antigamente nesse córrego havia uma vaca que saía d'água e ficava em uma pequena praia ali existente. Quando ela via movimento de gente, caía de volta na água **(Sr. José de Sousa Mota)**.

II

Agora vou contar minha história da vaca pintada de ouro até os chifres.

Nós éramos de 71 no remanso e a vaca foi vista por mim e mais três pessoas: Maria Sabina, Ozaninha e Ana Fortina. Essas três mulheres não vivem mais, só eu, e eu conheço o local em que



a vaca apareceu e é verdade. As mulheres não viram só uma vez, nem duas. Viram a vaca boiando com as costas e os chifres de ouro puro. A vaca era pintada de preto e branco. Então ela berrou, virou e desceu na água, por isso o local ficou conhecido como Remanso da Vaca.

O povo de mais idade a via de vez em quando, e, no dia em que ela era vista, não se pegava peixe no anzol de forma alguma, somente no dia seguinte, quando ela já havia desaparecido (Sr. Manoel Barbosa da Silva).



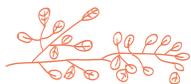
A vaca saía à noite, comia o capim da beira do Rio Tocantins e de dia sumia na água novamente. De longe, as pessoas viam a cabeça dela fora da água no remanso e tinham medo de encostar nela com o barco.

Eu não cheguei a ver a vaca, quem viu foi meu pai e meu avô. Eles me contavam essa história e todos os vizinhos sabiam também. Meu pai pescava muito e plantava vazante de fumo na beira do rio. Foi nessa época que viu a vaca (Antônio Pereira Milhomem).

Depoimentos colhidos por Claudete Regina Fritzen Rosler, professora da Escola Estadual João Aires Gabriel e da Escola Municipal Barnabé Pereira do Nascimento



EU VOU CONTAR A HISTÓRIA DA BOIUNA



Texto original: **Kauan Menezes**

Dourado - Aluno do oitavo ano da
Escola Margarida Oliveira de Souza

Era uma vez, em 2014 ou 2015,
no Rio Tocantins, uma cobra gi-
gante com um olho só, na testa.
Ela vinha assustando os morado-
res de Palmeirante. Quando ela
chacoalhava seu rabo, destruía
tudo em volta.

Um dia ela desapareceu de re-
pente e ninguém mais a viu.

Assim o povo contava.





EU VOU CONTAR A HISTÓRIA DO GUARÁ



Texto original: **Ivone Rodrigues de Miranda** – Aluna do oitavo ano da Escola Margarida Oliveira de Souza

Um dia o guará foi lá na minha casa. Ele começou a gritar, aí o meu pai pegou a espingarda e foi atrás, mas como não achou o bicho, ele voltou para casa.

O meu avô me falou que o guará pega a mulher grávida, come os peitos dela e o menino que está na barriga.

Meu avô me falou também que a gente, quando vê o guará, tem que subir na árvore e fazer xixi primeiro que ele, pois se ele fizer xixi primeiro que a gente, a gente cai desmaiado.



EU VOU CONTAR A HISTÓRIA DO LOBI- SOMEM



Texto original: **Emerson Gabriel**

Batista - Aluno do oitavo ano da

Escola Margarida Oliveira de Souza

Em uma madrugada de 2014, por volta das três horas, nós escutamos um barulho muito alto. Abrimos a janela para ver o que era. Era um homem todo peludo parecendo um lobo.

Nós ficamos com muito medo, chamamos o meu tio e ele saiu lá fora com o cachorro para ver o que era aquilo. Quando ele saiu, não tinha nada lá.

Depois disso, esse suposto Lobi-somem nunca mais apareceu.



AVÔ

O meu avô, ele é muito engraçado. Ele me conta histórias pra eu ficar animada. Eu gosto muito dele, porque tem caráter, porque me faz feliz e gosta de fazer caridade.

Eu gosto muito de dançar, porque sou animada. Gosto muito de brincar, contando histórias engraçadas. Eu gosto de ser sincera, gosto de ser amada.

Sou animada, sou divertida. Eu gosto de entrevistar minha própria vida.

*Texto original: **Mykaele Miranda da Silva** - Aluna do sétimo ano da Escola Municipal Firmino Coelho de Araújo*



Era uma vez um rio muito fundo que ninguém entrava dentro dele. Era preciso muito cuidado.

Uma vez, um homem chamado Edson entrou nesse rio e daí os que tinham medo ficaram admirados.

O rio já viu muitas coisas passando dentro dele, só não tinha visto ainda um homem corajoso, muito esperto e experiente.

*Texto original: **Ana Kely Chaves** - Aluna do sétimo ano da Escola Barnabé Pereira do Nascimento*



Todos chamam de Alegria
Um lugarzinho bem distante
Onde vivem meus amigos
Meus amigos estudantes

Texto original: **Elizângela Sousa**

- Aluna do sétimo ano da Escola

Barnabé Pereira do Nascimento







O ÔNIBUS

O ônibus carrega o menino para a escola.

No meio do caminho, vejo muitas paisagens.
Vejo fazenda, casa e minha estradinha, onde eu
ando todos os dias.

*Texto original: **Divando Pereira** - Aluno do sétimo ano da
Escola Barnabé Pereira do Nascimento*

DICA DE AGRICULTURA

Nesta terra
tudo que se planta dá...



manga

laranja

acerola



pequi



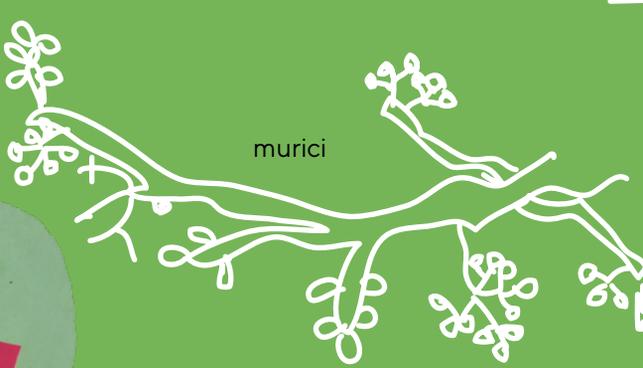
coco



macaúba



caju



murici



bambu

Impressão artesanal em tecido realizada durante o Festival Conexão Comunidade, em Palmeirante - TO.





FESTEJOS



Lá em cima daquela serra
tem uma fita balançando.
Não é fita, não é nada,
é o meu amor que vem chegando.

*Texto original: **Jéssica Aires Moreira** - Aluna do sétimo ano da Escola Municipal Firmino Coelho de Araújo*

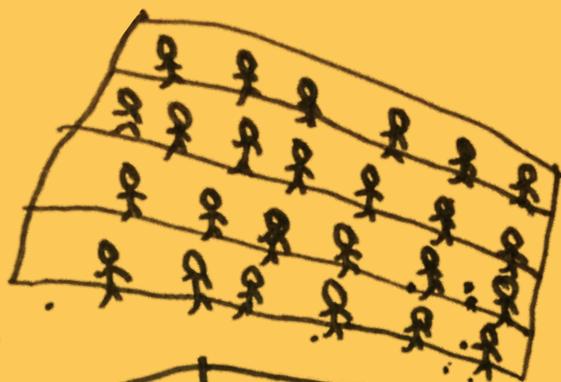




No festejo de São Pedro
Tem muitas comemorações
Tem missa e tropeada
Danças e festas
No povoado Pau Seco.
Tem batizado
Tem quadrilha
E comidas típicas.

*Texto original: **Emily Oliveira** - Aluna do sétimo ano da Escola Barnabé Pereira do Nascimento*





A vila é muito animada e muito divertida.

A gente que mora aqui acha muito bom, porque vamos para rios, para a escola e para outros lugares também.

Nós vamos para jogos da escola e outros eventos, como quadrilha e noite cultural.

Aqui sempre tem festa no salão, cavalgada, tropeada e rodeios.

Ingrid Silva Figueira – Aluna do sétimo ano da Escola Municipal Firmino Coelho de Araújo



BRINCADEIRAS



O CAMPO

O campo serve para jogar bola.
Faz as pessoas rirem e comemorarem quando alguém faz gol.
Sou verde, sou de areia também.
Às vezes, fico triste quando pisam em mim.
Também costumo ter travas e árvores ao meu redor.
Para finalizar, sou muito feliz assim.

*Texto original: Milena Chaves da Silva - Aluna do sétimo ano da Escola
Barnabé Pereira do Nascimento*

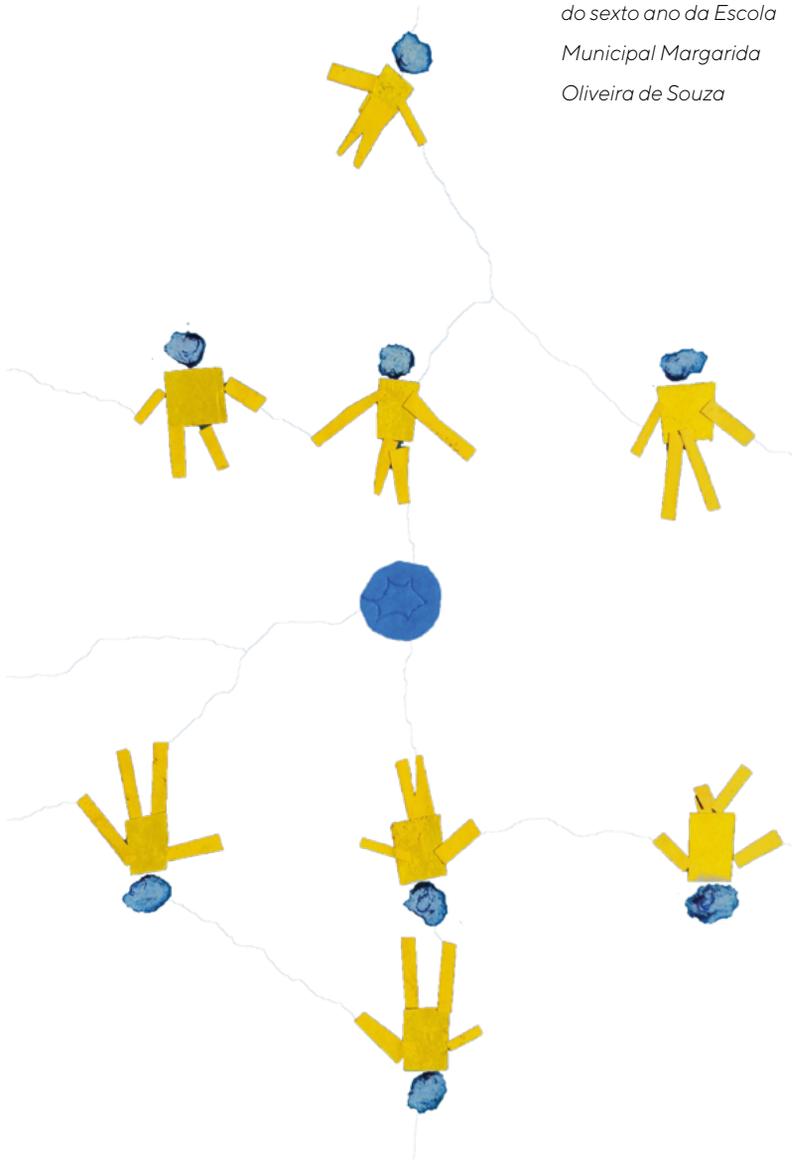


QUEIMADA



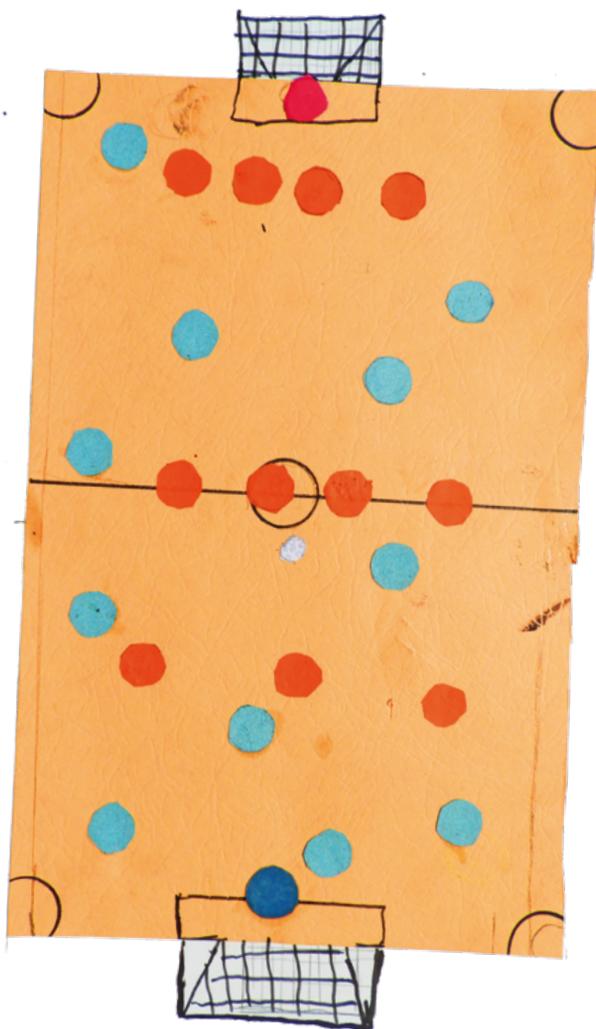
Composição dos alunos
do sexto ano da Escola
Municipal Margarida
Oliveira de Souza

Composição dos alunos
do sexto ano da Escola
Municipal Margarida
Oliveira de Souza



FUTSAL

FUTEBOL



*Composição dos alunos
do sexto ano da Escola
Municipal Margarida
Oliveira de Souza*

*Composição dos alunos
do sexto ano da Escola
Municipal Margarida
Oliveira de Souza*



PETECA

**Evento de pré-
lançamento realizado
durante o Festival
Conexão Comunidade,
em Palmeirante - TO.**





DOIS DEDOS DE PROSA COM

SR. RAIMUNDO

PINDAÍBA

E

PROFESSORA

LUZIA



EU VOU lhe contar o porquê do Pindaíba.

Minha avó, no município de Grajaú, casou a primeira vez e teve dois filhos, Pedro e Antônio. Aí o marido dela morreu. Mas tinha um velho numa fazenda lá pra riba que chamava Pindaíba. Ele se juntou com minha avó e emprestou a família todinha de Pindaíba. Meu nome mesmo é Raimundo Gomes Barbosa. Tive doze filhos, mas morreram dois. Eu tô com 83 anos. O lugar que eu mais gosto aqui do povoado é a minha casa, moro nela faz mais de vinte anos.

Essa terra aqui era toda do Cecílio Barbosa, do Pernambuco. Eu era vaqueiro dele. Tinha uma encrenca entre ele e o fazendeiro vizinho aqui, porque passava gado de lá pra cá, então ele mandou cercar essa área e liberou essa tira de terra daqui até lá no Casubra para quem quisesse morar, aí eu tirei esse lote de terra pra mim. O resto ele vendeu para um doutor de Cascavel e



depois o doutor vendeu para o Ney, aquele da soja. E aí foi vindo gente...

EU MORAVA no município de Filadélfia e comprei uma fazendinha aqui. O meu vizinho arrumou pra eu dar aula lá no seu Raimundo André. Então, eu cheguei no dia 9 de fevereiro e no dia 11 eu já tinha arrumado serviço. Não nessa

escola, em outra vizinha da minha casa. Eu trabalhei um ano lá. Quando foi em 1998, já comecei aqui, no povoado de Cicilândia, na casa do Raimundo Pindaíba. Não tinha nem uma escola, foi lá na varanda dele. Colocamos os banquinhos de madeira, ele doou a mesa da cozinha. Daí por diante, estou até hoje. Eu moro na fazenda Santa Luzia, mas acabo ficando muito tempo aqui. Meu esposo diz que eu gosto mais da escola do que lá de casa.



A SEGUNDA moradora daqui foi a Maria Vermelha, mulher do Luiz Vermelho. Eu cheguei aqui em 1994 e o povo foi chegando de pouco a pouco, de pouco a pouco. Fica até difícil tirar a idade do lugar.

QUANDO EU vim trabalhar aqui, ainda não era povoado, só tinha dois moradores, que eram a Margarida, esposa do Pindaíba, e tinha outra casa aqui ao lado.

MINHA MULHER foi a chefe dessa igreja aí, por causa de São Francisco das Chagas. Nós tínhamos dois filhos, Gilberto, o primeiro filho, e o Alberto. Esses meninos deram uma chaga na cabeça que pegou o couro todinho. Ela lavava com casca de pau, mas nunca teve jeito. Então



levou o caso para São Francisco e rezamos por três anos. Passado o tempo, ela ia ver se tinha condição de fazer a igreja para o santo. Como a gente era muito fraco, os outros que chegaram foram *tomando de conta*, começaram a fazer os festejos, ganharam um dinheiro e fizeram a igreja.

O nome da escola foi em homenagem à minha mulher.

COMEÇAMOS COM 42 alunos que vinham dos arredores, alguns viajavam cinco, seis quilômetros. Eu mesma viajava sete quilômetros *de a pé* pra cá, porque eu só tinha um cavalo e ele não aguentava todo dia, então eu já vinha a pé com uma turma de alunos. Tinha uns grandes que não vinham só, aí vinha aquele pequeno para acompanhar e ficava lá brincando.

A ESCOLA era dentro de minha casa, quem dava aula era um professor de Filadélfia, o Sr. Antônio. Depois que o Antônio saiu, uma filha minha teve dois anos de professora aí, a Maria, e depois foram botando outra, foram botando outra...

NA CASA do senhor Raimundo, eu trabalhei dois anos, aí mandaram fazer uma casinha de palha e eu passei a trabalhar nessa casinha. Depois construíram essa aqui de taba e cobertura de telha e está até hoje. A estrutura já melhorou muito e tá previsto melhorar mais, com fê em Deus! Eles querem forrar todas as salas, climatizar, e esse é o nosso objetivo, que as coisas melhorem porque os alunos merecem uma sala de aula com qualidade.

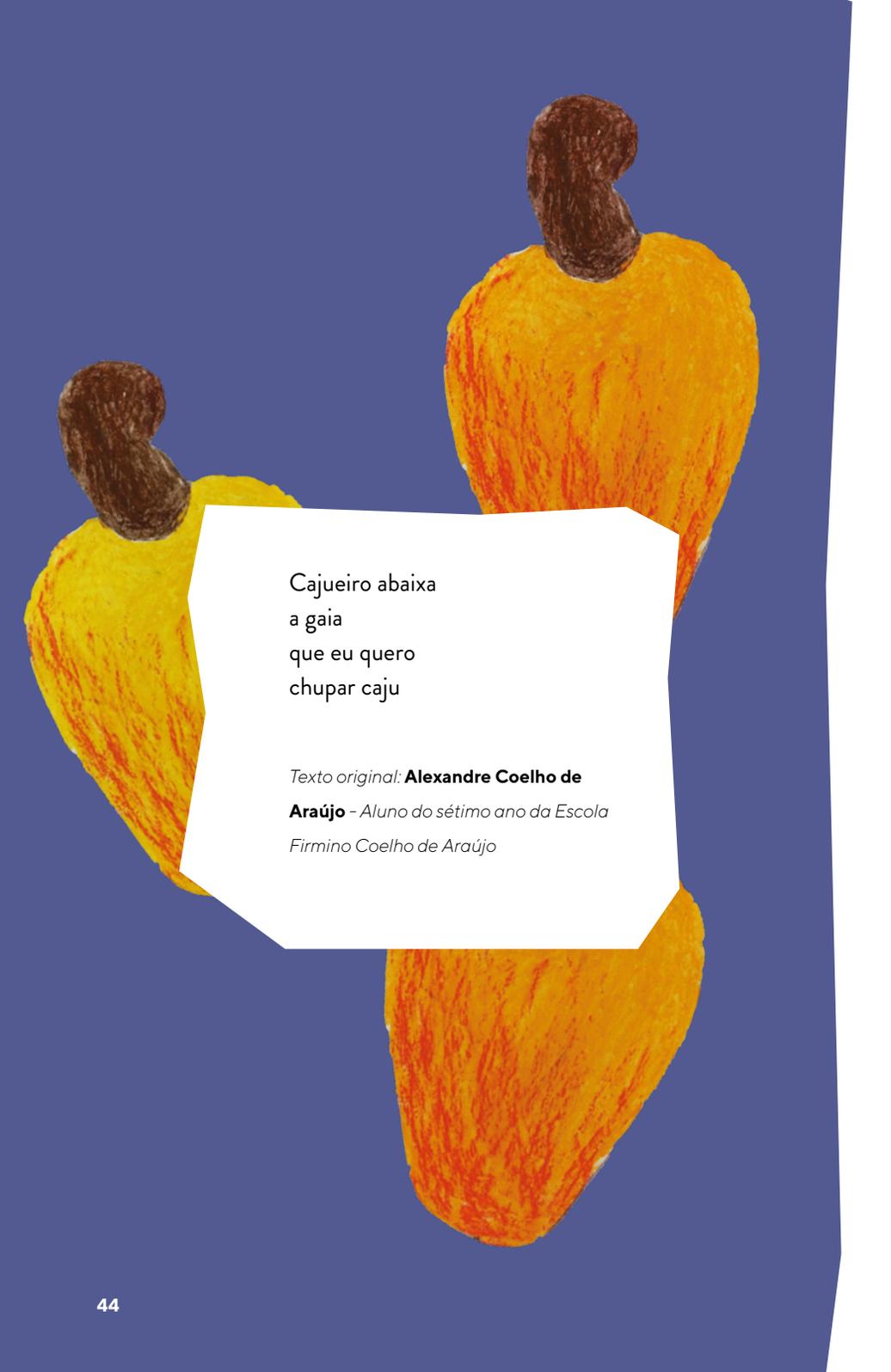


Exposição de fotografia
*realizada durante o Festival
Conexão Comunidade, em
Palmeirante - TO.*

Buzos
Temporales caseros:
Rerolita: 300

anda
res





Cajueiro abaixa
a gaia
que eu quero
chupar caju

Texto original: **Alexandre Coelho de
Araújo** - Aluno do sétimo ano da Escola
Firmino Coelho de Araújo

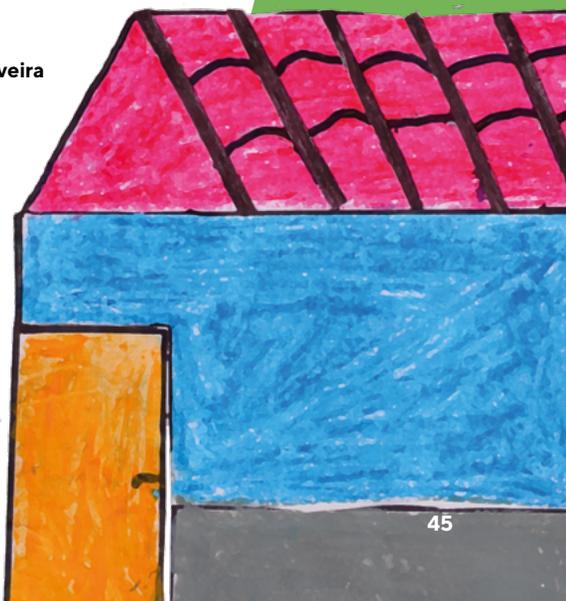
O TEMPO E A ESCOLA

A escola era de tábua,
mas então o tempo passou.
A escola ficou velha
e o prefeito reformou.
O tempo passou novamente,
a escola era amarela e verde
e de azul e cinza se tornou.
A escola era aberta
e o portão o prefeito colocou.
Só não basta o calor
que em sala não acabou.
O horário era vespertino
e todos estudavam juntos,
mas agora os tempos mudaram
e todos se separaram.
Os professores também mudaram
antes, para mim era um professor
agora são cinco.
Passaram de melhores
para melhores ainda.

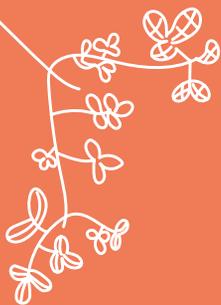
Texto original: **Kyvia Gabrielly Oliveira**

- Aluna do sétimo ano da Escola

Barnabé Pereira do Nascimento



TESTE- MUNHO



Quando cheguei de Piauí, a minha casa era de palha e de tábua. Nós não tínhamos condições, mas o meu tio começou a trabalhar para comprar comida e arrumar a nossa casa.

Adonde nós moramos é um assentamento na fazenda. Antes de eu chegar de Piauí teve três despejos. O povo tinha que tirar as roupas, as coisas todas de casa. Teve um despejo que tocaram fogo nas nossas casas. Queimou tudo que nós tínhamos, mas nós arrumamos as coisas de novo.

Adonde nós moramos, tem um presidente que nos ajuda e arruma o grupo do assentamento.

Antes era o meu pai, mas ele saiu de lá, agora é a minha tia. Os moradores do assentamento começaram a mexer com advogado e fazer reunião com a CPT (Comissão Pastoral da Terra) em Araguaína, com a ajuda da Valéria e do Edmundo.

Texto original: Ivone Rodrigues de

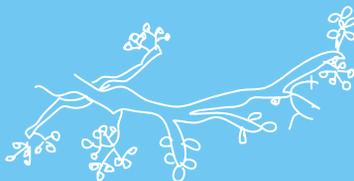
Miranda - *Aluna do oitavo ano da*

Escola Margarida Oliveira





SEU ANTÔNIO E O COMEÇO DE TUDO



Aqui, quando começou a cidade, já tinha um pouco de casa, só que era tudo dentro do mato, mas não tinha quase ninguém. Aí veio uma banca de identidade nesse tempo. Era casinha para aqui e acolá. O rio encheu três vezes, todas as três tomou tudinho; tudinho isso aqui ficou embaixo de água. Depois, quando começou o negócio dessa barragem é que acabaram as enchentes.

Foi indo, foi aumentando o povo, foi aumentando o povo... Eu tô com 72 anos, vai completar em junho, mas nesse tempo ainda era “Olho Grande”. Passou muitos anos até poder passar para Palmeirante.

Tem muita gente aqui que pesca, muitos deles têm carteira e

recebem dinheiro de pesca. Tem muita gente que tem canoa – não é comprada, o povo do SESC arrumou canoa, arrumou rede, arrumou tarrafo, arrumou tudo pro povo. Tem uns que pescam e recebem um incentivo, tem outros que não pescam e recebem também. O povo fornece muito peixe para a cidade e para fora.

Eu vejo assim: tem muitas coisas importantes aqui que não tinha e isso facilitou muito as coisas de uns anos pra cá, depois que passou a ser Palmeirante, emancipou. Escola não tinha, posto de saúde não tinha... Tinha que procurar socorro longe, nas outras cidades. Transporte era muito difícil, o máximo de transporte que tinha era motor para descer daqui para Carolina,

lá no Maranhão. Esperava o motorzinho... Passava o dia todinho com o doente para ir. Eita! Mas era sofrer mesmo! Quando não é pra morrer, não morre não.

Muita gente planta aqui e de tudo tem um pouquinho, que vai aguentando aqui mesmo. Mas planta muito milho, mandioca, banana... Rapaz, aqui tem muito é caju, tem goiaba, manga, tem muita acerola, tem maracujá, aqui tudo é cheio de cajá e tem uma grande importância, porque tudo isso o povo faz polpa pra vender, vende pro colégio.

E esse rio aqui pra mim representa muita bondade. De janeiro agora em diante, o peixe não falta mais; todo dia, se eu quiser arrumar dinheiro, eu arrumo às custas do peixe. E o povo que corre enseada comigo é acostumado comigo, a hora que quer, grita lá do outro lado do rio: "Ei, vem me passar!". Mas agora com celular acabou um pouco esse negócio do grito, a hora que cai a ligação eu já vou.

O povo vem pra cá pra tirar um dinheiro, o povo vem pra cá pra comprar uma coisa, o povo vem pra cá doente pra ser socorrido



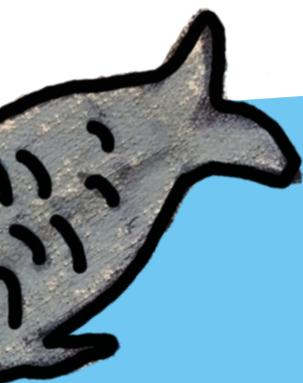
aqui no postinho, o povo vai pra Araguaína, o povo vai pra Colinas e tudo atravessa o rio. Tem muita gente que tem negócio do outro lado do rio e quer atravessar pro lado de lá também. O povo que vem de longe pra atravessar o rio tem que ter um socorro; eu não posso faltar aqui. Então é muita vantagem o rio, porque eu ganho meu dinheiro às custas dele, às custas da minha canoa. Nós dependemos demais do rio.

Eu trabalho na minha roça lá do outro lado do rio. Eu, querendo me banhar, eu não vou lá pra casa banhar não, eu desço é pro rio, que eu tô sabendo que lá tem água com sobra. Eu já tiro um mergulho lá e saio de novo. Eu me banho toda hora. Eu tô com calor, eu me banho, me banho.

Eu conheci isso aqui desde *eu pequeno*, novinho, que eu nasci já foi aqui dentro. Conheço isso aqui tudinho.

Testemunho do Sr. Antônio Pereira

Milhomem sobre o começo de tudo na Terra do Olho Grande.



Produção de mapas realizada
durante o Festival Conexão
Comunidade, em Palmeirante
- TO.





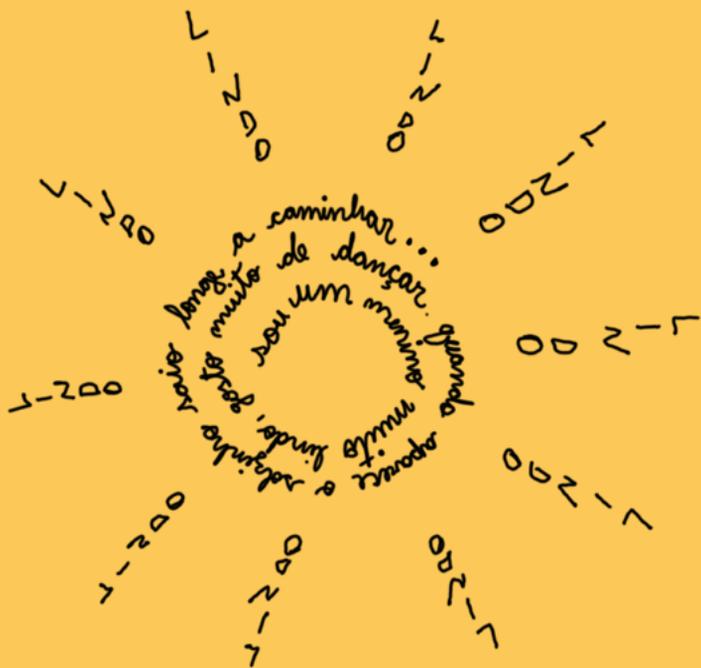
O RIO

é legal Banhar no Rio. A gente se diverte muito Banhando com amigos.
às vezes, acompanhamos, no rio pescamos nos Rios. enfim, é legal
Rio, Rio, Rio, Rio, Rio, Rio, Bom Rio legal Rio divertido Rio correnteza Rio
que não seca Rio Rio

Poemas visuais dos alunos do sétimo
ano da Escola Barnabé Pereira do
Nascimento

A beleza das arvores, as árvores são muito apodávoras
e elas são muito altas para nossa vida.
são muito apodávoras e elas são muito altas para nossa vida.
são muito apodávoras e elas são muito altas para nossa vida.
são muito apodávoras e elas são muito altas para nossa vida.

Poemas visuais dos alunos do sétimo
ano da Escola Barnabé Pereira do
Nascimento



Poemas visuais dos alunos do sétimo ano da Escola Barnabé Pereira do Nascimento

ele é o maior campo da vila e tem
 muito mais espaço e também com muita rai-
 ... e também
 junta mais gente
 para jogar
 O campo junto mais gente para assistir e jogar ...
 A gente jogar e para se divertir
 com os colegas.
 O segundo campo da escola da vila do pau seco
 pede, mas também é melhor de jogar

Poemas visuais dos alunos do sétimo ano da Escola Barnabé Pereira do Nascimento



Produção de mapas
realizada durante o Festival
Conexão Comunidade, em
Palmeirante - TO.



HINO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE PALMEIRANTE



Palmeirante, cidade altaneira
De um povo humilde, hospitaleiro
De sangue novo e punjante.
Braços fortes e o coração tão palpitante.

Fundada à margem esquerda do Tocantins,
Entre serras e rios,
Águas caudalosas que fluviam.
Tua beleza nossa história e alegria.

[REFRÃO]

**Criando amor, amor, amor e vida,
Palmeirante, tu és linda entre as mil.
Eu te amo, amo essa terra querida
Onde o sol brilha e tem o céu cor de anil.**

Palmeirante, o teu campo é riqueza,
A liberdade, o amor e a grandeza.
Tuas maravilhas de palmeiras,
Lindos campos tão risonhos a brilhar.
Palmeirante, o progresso vai seguir
Com trabalho, coragem e ação.
Coração aberto pra amar,
Vidas novas vão surgir neste lugar.

*Letra e melodia: **Guilherme Rocha Medeiros** Escrito em dezembro de 1999 e gravado em fevereiro de 2000.*



Nosso agradecimento especial ao prefeito Charles Rodrigues, à secretária de educação Elizângela Silva, à secretária de assistência social Valmerina Tavares, pelo apoio, às diretoras Roseni, Ana Rita e Teresinha, pela recepção tão calorosa quanto o sol que brilha nessas terras. Agradecemos também a todos os alunos que emprestaram criatividade e imaginação e deixaram este livreto tão divertido e revigorante quanto um banho de rio.



FOTOGRAFIA E EDIÇÃO DE TEXTO | Eveline Xavier

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Priscila Justina, a partir da 1a. edição artesanal de Mila Barone

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO - TEXTOS E ILUSTRAÇÕES | alunos das escolas municipais Margarida Oliveira de Souza, Barnabé Pereira do Nascimento e Firmino Coelho de Araújo

Este almanaque é parte integrante do material produzido no Eixo Mobilização do projeto Conexão Comunidade 2017 em Palmeirante - TO. Patrocínio: VLI. Realização: Associação Imagem Comunitária. Apoio: Prefeitura de Palmeirante, Secretaria de Educação e Secretaria de Assistência Social.



Patrocínio:



Realização:



Apoio:

